2ª Reunião Canaplan 2014

# REAVALIAÇÃO DA SAFRA 2014/15 E VISÃO INICIAL DA SAFRA 2015/16



**Equipe técnica:** Ciro Sitta, Eduardo Pereira, Fernando Carvalho, Júlio Campanhão, Nilceu Cardozo, Ricardo Costa e Sandra Medeiros

## PAINEL: AVALIAÇÃO DA SAFRA 2014/15 E PERSPECTIVAS



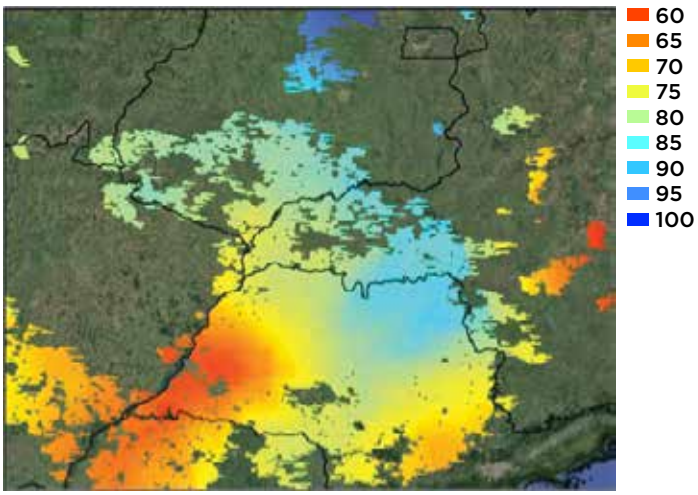
Luiz Carlos Corrêa Carvalho*

Ponto central da Reunião, a Canaplan fez a apresentação de sua avaliação da safra 2014/15 e um primeiro esboço da safra 2015/16, ambas no Centro-Sul brasileiro (90% da produção nacional). Iniciando-se com a análise da produtividade agrícola, embora a quebra acumulada até outubro de 2014 tenha sido de 7%, em relação à mesma posição da safra de 2013, pode-se dizer que tem sido menor do que o esperado.

Com uma produtividade acumulada de 76 t/ha no mês de setembro de 2014, o resultado no mês foi de 69 t/ha. No mês, foram 150 kg de ATR/t de cana e, no acumulado, 136,5 kg de ATR/t de cana. Houve crescimento do nível de impurezas e de fibra, projetando-se para os meses finais da safra uma queda acentuada da produtividade agrícola e da qualidade da cana.

* Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

**REGIÃO CENTRO-SUL: PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA ACUMULADA ATÉ JANEIRO DE 2010 (T DE CANA/HA)**



## Tendência do final da safra 2014/15

### REGIÃO CENTRO-SUL: ESTIMATIVAS DA SAFRA 2014/15

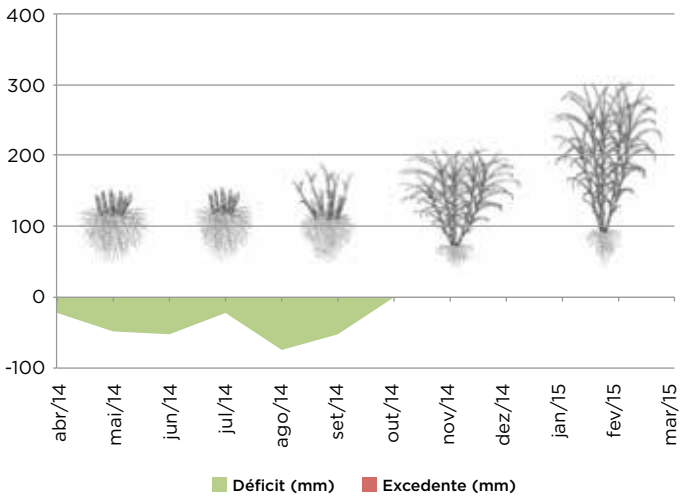
| ESTIMATIVAS | | 1ª Reunião (abril de 2014) | 2ª Reunião (outubro de 2014) |
|---|---|---|---|
| **INDICADORES** | | | |
| **Produtividade** | toneladas/hectare | 70 | 73 |
| **ATR** | quilos por tonelada de cana | 136 | 136 |
| **SAFRA** | | | |
| **Processada** | milhões de toneladas de cana | 540 | 544 |
| **Bis** | milhões de toneladas de cana | – | 12 |
| **PRODUÇÃO** | | | |
| **Processada** | milhões de toneladas de ATR | 73,5 | 74,3 |
| **Bis** | milhões de toneladas de ATR | – | 1,1 |
| **PRODUTOS** | | | |
| ***Mix*** | porcentagem da produção destinada para açúcar | 44,50 | 43,00 |
| **Açúcar** | milhões de toneladas | 31,2 | 30,5 |
| **Etanol** | milhões de metros cúbicos | 23,9 | 24,8 |

Balanço das previsões da Canaplan

## Primeiras análises da safra 2015/16

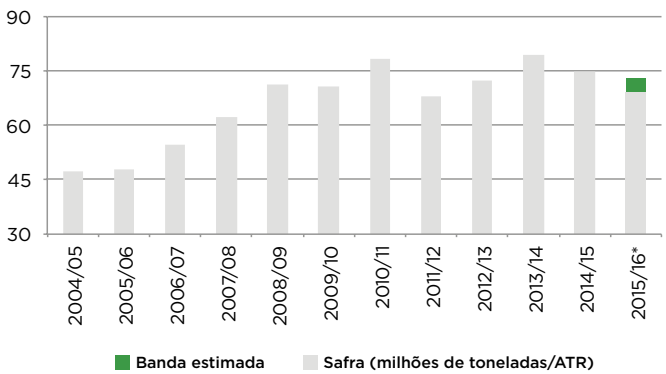
Pelo baixo nível de reforma dos canaviais, o atraso no desenvolvimento dos plantios e das socas em 2014, além dos problemas de incêndios, queimando a brotação de socas, da elevada porcentagem de pragas e de doenças em muitas unidades produtoras, além da não expansão de área, espera-se, em condições normais, uma safra 2015/16 inferior à safra 2014/15. Isso foi apresentado por meio de cenários do clima para 2015, considerando-se as possibilidades de repetição do clima visto em safras anteriores e de possíveis efeitos na safra projetada.

### CANAVIAL ATRASADO PARA A SAFRA 2015/16, DEVIDO A ELEVADO DÉFICIT HÍDRICO EM 2014




A seguir, a evolução da produção de ATR das últimas dez safras e a expectativa da Canaplan para a safra 2015/16.

### REGIÃO CENTRO-SUL: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE ATR (MILHÕES DE TONELADAS) NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS




*Previsão

## Cana em desenvolvimento para 2015*

As possibilidades para 2015 estão em aberto, mas as condições do canavial não são boas. As canas estão com atraso em seu desenvolvimento e as de maior produtividade (dezoito meses) estão muito sentidas.

Os produtores que participaram do painel concordaram sobre a gravidade da seca para a safra 2014/15 e suas sequelas para a safra 2015/16. Fato claro é o peso dessa realidade para o estado de São Paulo. Apenas para os estados do Paraná e do Mato Grosso do Sul o impacto é menor, pois os déficits hídricos não foram tão intensos quanto nas demais regiões produtoras. Embora o

* Participação Edson Girondi (Usina Alto Alegre); Mario Ortiz Gandini (Usina São Martinho); Paulo Rodrigues (Condomínio Agrícola Santa Izabel) e Luiz Carlos Dalben (Agrícola Rio Claro)

clima tenha sido favorável a uma pequena parcela das áreas de produção da região Centro-Sul, dois contrapontos são unânimes e fortalecem a expectativa de redução da oferta de cana-de-açúcar para a safra 2015/16: (1) a redução do investimento em renovação e plantio de novos canaviais; e (2) a contração da capacidade de custeio, com aplicação restrita de insumos nos tratos culturais da lavoura. O consenso entre os produtores é de que não há suporte para uma expectativa de recuperação para a safra 2015/16; mesmo se contando com um cenário com o clima favorável, manter-se-ia uma oferta semelhante à da atual safra.

CANAVIAL DE DEZOITO MESES, PLANTADO NO INÍCIO DE 2014, COM PROBLEMAS DE DESENVOLVIMENTO



O MESMO DIZ-SE EM RELAÇÃO À BROTAÇÃO DAS SOCAS, COMO SE VÊ NA FIGURA



REGIÃO DE CATANDUVA: CANAVIAL DE SEGUNDO CORTE APRESENTANDO FALHAS NA BROTAÇÃO



## PAINEL: INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS AGRÍCOLAS

O tema de debate foi a inovação. Foi apresentada uma série de dados que demonstrou as dificuldades atuais do setor e a lógica da não existência de margens e do menor investimento em tecnologia.

Cada uma das empresas presentes apresentou as inovações e projetos em desenvolvimento voltados à melhoria nos resultados econômico-financeiros de cada uma delas:

- A ANTONIOSI (Elidon Pinhati) focou seus esforços em preparo do solo canteirizado e em sua plantadora;
- A BASF (Carulina Oliveira) analisou suas soluções integradas visando longevidade e produtividade dos canaviais, com redução na complexidade das soluções;
- A Bayer (Antonio Soares) apresentou foco na proteção dos cultivos e na maturação da cana e sua brotação, também de forma integrada;
- A DuPont (Fabio Carvalho) focou-se em novos produtos, suas características e benefícios do controle de pragas;
- A FMC (Roberto Puzzo) focou suas preocupações no manejo da cultura da cana de forma sustentável;
- A GAtec (Gilberto Miniquiel) apresentou a lógica do processo de inovação via automação, em planejamento, tecnologia, controles e margens; e
- A Syngenta (José Carlos de Lima Júnior) falou sobre o mercado setorial e inovação, com foco em plantio e eficiência.

## PAINEL: MACROECONOMIA E VISÃO ECONÔMICA E FINANCEIRA

Alexandre Figliolino*

No mercado internacional, o dólar ganha força com a recuperação econômica e a proximidade do cenário de juros mais altos nos Estados Unidos. Na Europa, o Banco Central (BCE) busca afastar os riscos de deflação, enquanto a China precisará estimular a economia para evitar uma desaceleração mais intensa. Esse quadro, somado aos preços menores para as *commodities*, pressiona os ativos financeiros locais nos países emergentes.

Para o Brasil, a expectativa é de crescimento de 0,1%, em 2014, e 1,3%, em 2015, com tendência de aumentar a taxa de desemprego. Paralelamente, o real deprecia em relação ao dólar, com tendência de queda no superávit primário e sustentação da inflação no topo da meta, em torno de 6,4%, além do risco de depreciação cambial. Já a taxa de juros (Selic) deve permanecer na casa de 11%.

O quadro atual é de enorme "perde perde" no que tange à situação energética brasileira, nas áreas dos combustíveis líquidos e no setor elétrico. Estes dois segmentos, regulados e extremamente dependentes de políticas públicas, têm trazido grandes prejuízos ao setor sucroenergético, à Petrobras e ao Brasil.

PETROBRAS: PREJUÍZO COM A IMPORTAÇÃO DE GASOLINA

| | 2012 | 2013 | 2014 |
|---|---|---|---|
| Importação (US$ bilhão) | 3,0 | 2,1 | 1,3* |
| Prejuízo (R$ bilhão) | 1,6 | 1,1 | 1,5** |

* Até setembro
** Estimativa

Parte dos elevados gastos com importação de petróleo e derivados nos últimos anos poderia ter sido evitada se o ambiente para o investimento no setor sucroenergético tivesse sido mais atrativo, o que também teria contribuído para a criação de empregos e geração de renda. De maneira semelhante, se mais estímulos tivessem sido direcionados à produção de energia a par-

tir de bagaço, um número menor de ineficientes termelétricas estaria atualmente em operação.

Os investimentos em cogeração poderão acelerar-se se: (i) forem realizados leilões de energia por região e por fonte; e (ii) o preço-teto aumentar, iniciando em R$ 200/MWh. O aumento da cogeração também contribuiria para a elevação da competitividade do etanol, dada a sinergia existente na produção dos dois produtos.

No etanol, as políticas públicas necessárias passam pela definição do papel do etanol hidratado na matriz de combustíveis líquidos e da regra de longo prazo para os reajustes de preços dos combustíveis. O aumento da mistura do anidro na gasolina para até 30% é bem-vindo, assim como a volta da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (CIDE) como reconhecimento das externalidades positivas do etanol.

Há de se destacar, ainda, as questões climáticas e a mecanização acelerada das atividades de plantio e de colheita, aliadas à má gestão e ao fraco planejamento em uma parte significante da produção, como também responsáveis pelo tamanho da crise vivida pelo setor. O resultado disso é o crescente endividamento setorial.

** Diretor do Itaú BBA*

## PAINEL: MERCADO DE AÇÚCAR, ETANOL E GASOLINA

**Moderador: Luiz Silvestre, diretor da ED&F Man**

**Debatedores:**

### Gareth Forber*

Apresentaram-se a relevância do Brasil na oferta de açúcar no mundo e as questões que explicam os excedentes globais atuais.

Como o risco de impacto negativo do El Niño na safra 2014/15 diminuiu, os preços do açúcar enfraqueceram diante do excesso de oferta acumulado nos últimos anos, estimado em 25 milhões de toneladas. O déficit para o final da temporada 2014/15 está projetado entre 1,0 milhão de toneladas e 1,5 milhão, com o Brasil e a China, por exemplo, apresentando queda de produção. Os preços poderão continuar fracos até a absorção do excesso de açúcar existente no mercado.

A indústria mundial de açúcar está sob pressão pela falta de sustentabilidade dos preços a longo prazo, com valores abaixo dos custos. No Brasil, muitas usinas fecharam as portas e outras enfrentam dificuldades financeiras. A China enfrenta a escalada dos custos de produção com a menor produção de matéria-prima. Os agricultores indianos e paquistaneses deparam-se com maiores endividamentos.

Entretanto, existem razões para acreditar na melhoria dos preços para o segundo semestre de 2015, com questões-chave de preços críticos para a gasolina e as culturas. O plantio de cana e beterraba durante o primeiro quadrimestre do próximo ano será um indicativo precioso se os produtores darão resposta na produção da safra 2015/16.

** Analista da LMC International*

### Rodrigo Cáo Pires*

A taxa de crescimento do consumo da gasolina C teve um período de estabilidade, basicamente entre 2003 e 2009, diante dos aumentos contínuos e expressivos da safra de cana e da produção de etanol. Desde então, houve aumento do consumo de gasolina, devido à menor disponibilidade de etanol. De 2014 a 2019, a projeção é aumentar o consumo em 1,9% ao ano.

A expansão da frota de carro *flex* aumentou a participação do consumo de etanol em relação à gasolina C, de 12% para 31%, entre 2005 a 2010, mas, depois, esta relação caiu para os níveis atuais de 15% a 17%. O Governo tem subsidiado o consumo da gasolina C.

Normalmente, o petróleo aumenta de cotação no primeiro semestre, por causa da estação de inverno no hemisfério Norte, quando ocorre maior consumo de energia. Com a queda recente no preço do petróleo, reduziu-se para quase zero o subsídio concedido à gasolina C. No diesel, porém, a diferença mantém-se ao redor de 18%.

A Petrobras está investindo em refinarias dedicadas à produção de diesel. Hoje, o consumo do setor sucroalcooleiro é de 2,0 bilhões de litros por ano, o correspondente a 3% do consumo nacional ou 25% do consumo agrícola. Já a produção mensal de gasolina A da companhia também segue avançando: em 2011, foi produzido 1,96 bilhão de litros; em 2014, 2,50 bilhões de litros. Neste momento, a produção se estabilizou. Espera-se que haja o retorno das políticas essenciais ao etanol.

** Analista da Petrobras*

### Tarcilo Rodrigues*

Os preços do açúcar e do etanol hidratado estão competindo, enquanto, no anidro, impera o ato mandatário da mistura com a gasolina. Como importamos mais diesel, investimos para aumentar a sua capacidade de refino. Para usar essa política para tratar a limitação existente na capacidade de refino da gasolina, precisamos de uma conversa entre Governo, produtores e Petrobras. Sem gasolina, há necessidade de etanol, mas a produção deste não avança sem a CIDE. Os investimentos em novas colunas de produção pelas usinas não são onerosos quando comparados àqueles exigidos em estrutura portuária para a importação de gasolina.

Há uma grande preocupação com as projeções crescentes de gasolina e com a sua importação pela Petrobras, e as projeções apresentadas de expansão de oferta de etanol não combinam com a falta de políticas públicas essenciais. ■

** Diretor da Bioagência*